

CEDI - P. I. B.  
DATA 29 09 86  
KAD 20

"AS FILHAS DO SOL"  
E A  
ORIGEM DO CATAMÊNIO  
LENDA KARAJÁ!

(\*) J. AMÉRICO PERET

## AS FILHAS DO SOL

— Origem do Catamênio

J. Américo Peret

Há muito, muito tempo, na aldeia de **Idianakatú**, viviam duas irmãs. Eram suaves e meigas como a brisa, perfumadas como as flores se abrindo e radiantes como o alvorecer. Não havia entre as mulheres maior beleza.

Elas eram as filhas do Sol, poderoso feiticeiro que exigia de seus futuros genros, uma prova de coragem, inteligência e perseverança.

Alguns candidatos submeteram-se às provas. Mas desistiram ou morreram na tentativa. Outros, menos afoitos, preferiam reprimir a paixão e contentavam-se em vê-las, como um sonho impossível.

— **Diôira birenar diadomã-rior'e Tsú?** . . . (Vamos casar com as filhas do Sol? . . .) Perguntou **Idianakatú** ao irmão **Alobederi**.

— Bem que eu gostaria. Mas, e as provas? . . . Respondeu o irmão, com uma frágil esperança.

— Não se preocupe, daremos um jeito. Vamos preparar alguns presentes para alegrar o velho. Assim, as coisas ficarão mais fáceis! . . . sugeriu **Idianakatú**.

Desse modo, reuniram penas coloridas e teceram vários adornos, destacando os **lahetô**, **odf-dess'e** e os **lóri-lóri** (tipos de cocares); **nohontê** (brincos); e as **uetanã** (tangas). As peças mais bonitas, alegres e desejadas pelos **Inã**.

— Vimos trazer-lhe estes presentes e pedir suas filhas em casamento, falaram os irmãos.

O venerável e poderoso pai ficou radiante com os presentes e com o pedido. Porém, foi logo dizendo:

— Vocês foram muito amáveis. Gostaria de tê-los como genros! . . . todavia terão que cumprir as provas exigidas pelas forças da natureza, para sabermos se os espíritos aprovam essa união!...

— Para começar, quero que vocês me tragam piranhas vivas. Tenho que preparar um remédio para as mulheres! . . .

Os irmãos foram ao lago de pedra, onde os peixes eram de uma variedade incrível. Sentaram-se à sombra e ficaram observando o ambiente, em busca de inspiração.

A superfície do lago era tranquila, habitada por plantas e coberto por flocos de espuma que filtravam o sol projetando estrelas luminosas no leito de areia branca.

Os peixes, em múltiplos cardumes desfilavam à pouca profundidade, mantendo distâncias regulares, como se fossem guerreiros em marcha. Uma ou outra fêmea preparava o leito nupcial. Havia também os filhotes sendo iniciados nos mistérios da vida.

Um cardume irrequieto surgiu banzeirando a água e afugentando os outros. Eram as piranhas. Elas traziam no corpo a mancha vermelha da morte e na vontade uma fúria devoradora.

— Vamos flechar uma! . . . Sugeriu **Alobederi**.

A flecha mau atravessou uma piranha, e as outras, devoraram-na imediatamente e comeram também, as que estavam mais próximas da vítima.

Essa feroz agressividade provocou nos jovens um calafrio. E para completar, olhando à sua volta, tiveram a impressão de que a fauna ribeirinha ria deles. Na realidade, os dentes estavam à mostra porque as piranhas lhes havia devorado os beiços, quando tentavam beber.

Idianakatú que era Heri Tamarã (Aprendiz de Feiticeiro), consultou aos espíritos Aruanã (seus ancestrais peixes) e recebeu a inspiração que poderia dar certo.

Chamou o irmão e foram colher leite de mangabeira. Depois, banharam-se com ele até formar uma protetora roupa de borracha. Assim vestidos, voltaram ao lago.

— Vamos entregar-nos às piranhas e rezar para que a experiência dê certo! . . . propôs Idianakatú corajosamente.

Entraram no lago, os peixes fugiram e as vorazes piranhas atacaram furiosamente, crivando os jovens com mordidas implacáveis. Os irmãos viam e sentiam os dentes cravarem-se na pele de borracha e esta, flexível, impedir que novamente a mandíbula se abrisse. As piranhas ficaram prisioneiras.

Os guerreiros riam-se nervosamente, misturando a satisfação de tê-las impotentes e a sensação desagradável de estarem sendo devorados.

Com as piranhas debatendo-se penduradas pelo corpo, chegaram os jovens à presença do futuro sogro.

— Ora vejam só que estranha maneira de pescar! . . . Falou admirado o pajé, enquanto retirava os peixes vivos.

— Vocês se saíram muito bem, agora, precisam ir buscar *ovodí* (resina de almiscar) e *ãui-kutá bi-dí* (mel de tataira), para que eu prepare a *aruanã* (festa) de casamento.

Todos sabiam que aquela seiva queima como fogo e pode provocar feias erupções na pele. Também a picada da abelha tataira é dolorosa e venenosa, embora ela fabrique o melhor dos nectares.

— Até parece que o Sol quer acabar com a nossa boa aparência, ou nos matar! . . . Comentou Alobederi, preocupado.

Chegando próximo ao *Berohokã* (rio Araguaia) os irmãos encontraram a almiscareira na qual havia uma colmeia das grandes. Puseram-se a observá-la e a imaginar uma forma de executarem a tarefa.

A resina alastrara-se pelo chão em volta da árvore queimando a vegetação e pondo em risco qualquer aproximação. As abelhas estavam perigosamente irritadas e esvoaçantes. Os jovens cautelosos.

Nisso, surgiu um bando de andorinhas, que em pleno vôo, apanhava as abelhas, levavam-nas para o rio, e em rápidos mergulhos molhavam-nas antes de comê-las. Idianakatú aprendeu a lição e pediu ajuda a estes pássaros.

As andorinhas bebiam água no *Berohokã* e faziam choviscar sobre os audazes guerreiros, mantendo-os sob a proteção da água que diluía a ação do almiscar e abrandava as abelhas tornando-as inofensivas.

E assim, os *Inã* aprenderam a colher o almiscar e o mel, sem se machucarem, E as andorinhas, em revoadas, brincam de choviscar ao por do sol.

Na aldeia, o velho feiticeiro não cansava de examinar os moços e escutar a estória de como foram espertos.

— Preciso de coti (fumo) para propiciar a festa de casamento, vão apanhá-lo na minha roçal...

Todos sabiam que o fumo usado pelo Sol, possuía poderes mágicos. Quem se aventurasse a colhê-lo tornar-se-ia seu prisioneiro e morreria de inanição ou devorado por alguma fera. . .

Os irmãos caminhavam numa trilha dentro do roçado quando ouviram gemidos e vozes estranhas saídas das plantas.

— Esse ambiente me dá calafrios! . . . Falou Alobederi.

— Relaxe meu irmão! . . . Essas são as vozes das coisas. Deve existir um meio de apanharmos as folhas. Consultarei os espíritos. . . Falou Idianakatú confiante nos seus poderes de aprendiz de feiticeiro.

De repente Alobederi esbarrou num ramo e foi envolvido. À medida que lutava bravamente para se libertar, ia ficando mais prisioneiro.

Idianakatú tentou liberta-lo mas descuidou-se e ficou igualmente preso. Invocou as forças ocultas, porém sua magia foi inútil. Por fim, perdeu toda a resistência e passivamente via animais monstruosos se aproximarem para devorá-los. Desmaiou.

As moças, prevendo as dificuldades dos rapazes, seguiram suas pegadas e encontraram-nos desfalecidos. Com jeitinho e antídoto libertaram-nos das plantas, do efeito alucinógeno provocado pelas ervas, e colheram o fumo.

O Ohoti Bedu ficou zangado com a intromissão das filhas, Mas permitiu casamento, uma vez que considerava cumpridas satisfatoriamente, as exigências das entidades espirituais.

Com o corpo pintado, coberto de almíscar diluído fixando penas coloridas, os dançarinos deram início à comemoração. O mel de abelha adoçava os licores que alimentavam a alegria. Os maracas marcavam o ritmo que incrementava a dança.

No meio da festa, discretamente, os noivos escaparam recolhendo-se à esteira nupcial. E quando no delírio da paixão prenderam atingir o climax, possuindo as noivas, elas revelaram a última armadilha do pai:

— Ankõre xuk-xuk, uahá bedeonkre diutá tuú! . . . (não podemos ter relações sexuais, papai colocou piranhas em nossa vagina! . . .)

Os irmãos ficaram decepcionados. Mas Idianakatú resolveu tirar a limpo essa estória e gritou para os macacos-prego:

— Ei, krobí manakre diadomã-rioré Tsuú xuk-suk! . . . (Ei macacos, venham provar a virgindade das filhas do Sol! . . .)

Os macacos nem conversaram. Foram logo deitando-se com as virgens. Porém, no mesmo instante, pularam fora gritando de dor. Os penis estavam em carne viva e o prepúcio havia sido devorado pelas piranhas. É por isso que os macacos têm o pênis vermelho e sem "capa".

Idianakatú sabia que o jaburu guardava, em segredo, o uso de um cipó que matava peixes, por isso pediu:

— U'o-r'e namare ãnside! . . . (Jaburu, traga o timbó! . . .)

O aprendiz de feiticeiro introduziu o ramo de timbó na vagina das moças e as piranhas foram morrendo e sendo retiradas. Porém, uma menorzinha ficou escondida e todos os meses ela fica ouriçada e morde as entranhas das mulheres provocando sangramento.

Mortas as piranhas, os guerreiros possuíram com muito entusiasmo as esposas.

Mas quando chegam "aqueles dias" eles não se deitam com elas, e dizem:

— Diut'a teburé títfre! . . . (a piranha está zangadíssima!)

